



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, após assinatura de declaração conjunta com a presidente da Argentina, Cristina Kirchner

Buenos Aires - Argentina, 23 de abril de 2009

Jornalista: A minha pergunta sobre (falha na gravação) é a seguinte: Lula disse que a chave para a crise é liberalizar o comércio, é a abertura comercial, e o que a gente vê nesse momento é que há uma queda no comércio entre os dois países, causada também pela crise internacional, mas que os empresários dizem também (falha na gravação) no comércio se deve a barreiras, ou seja, há um movimento contrário à liberalização, que a Argentina estaria impedindo essa abertura, criando impedimento à abertura. Queria (falha na gravação) se não há uma contradição de posições, divergência de posições entre Brasil e Argentina para (falha na gravação) essa crise econômica através do comércio.

Presidente: Alguém vai traduzir para a companheira Cristina? Primeiro, não há nenhuma contradição. Acho que todos os países do mundo, em função da crise econômica, em função das pressões feitas pelos trabalhadores de todo o mundo, o primeiro a falar em proteção foi o próprio presidente Obama, quando fez um discurso dizendo que os investimentos em infraestrutura iriam privilegiar, sobretudo, as indústrias americanas. Então, é normal que todos os países tenham uma certa prevenção, sobretudo se levarem em conta a queda nas exportações dos países e o crescimento do desemprego que acontece em quase todos os países do mundo.

Eu, particularmente, tenho a convicção de que Argentina e Brasil estão comprometidos, não apenas geograficamente, mas pela importância que Argentina e Brasil têm na relação com o conjunto latino-americano e com a América do Sul, e cada vez mais nós vamos ter que criar condições para que o



comércio possa fluir com muito mais mobilidade e com muito mais facilidade.

Em tempo de crise, cada um de nós tenta defender a situação interna do seu país, em função de uma realidade conjuntural que não foi criada por nenhum país em desenvolvimento. Mas eu estou convencido de que... No Brasil também nós sentimos pressão dos setores empresariais, que querem que a gente crie dificuldades para “A” ou para “B”. Obviamente que nós, enquanto nação, ficamos medindo as batidas do coração de cada setor para saber quando é que nós deveremos preservar a indústria nacional.

No caso da América do Sul e no caso do Mercosul, eu acho que, da parte do Brasil, nós iremos continuar fazendo todo o esforço necessário para manter o comércio o mais livre possível. Obviamente, cada um de nós tem leis, cada um de nós tem regras, e cada um de nós pode utilizar leis e regras na medida em que isso não impeça o comércio entre as nações, coisa que eu acho que não está acontecendo. Ou seja, problemas nós sempre vamos ter, e cada vez que tivermos um problema nós fazemos uma reunião como esta de hoje, para encontrarmos as melhores soluções possíveis para que o comércio entre Argentina e Brasil, e dentro do Mercosul, possa fluir com muito mais tranquilidade.

Presidente da Argentina: (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Na outra pergunta, eu começo respondendo.

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Como eu estou na frente de dois ministros de Relações Exteriores, eu jamais iria dar um palpite sobre a relação política Argentina-Estados Unidos,



porque isso me criaria um problema diplomático sem precedentes. Eu acho que essa pergunta só pode ser respondida pelo Presidente dos Estados Unidos e pela presidenta Cristina, não por mim.

Presidente da Argentina: (em espanhol)

Presidente: Eu queria apenas dizer uma coisa que eu acho importante. De vez em quando eu leio, em algum periódico latino-americano, uma certa vontade de criar disputa entre quem é mais amigo de fulano, quem é mais amigo de beltrano. Eu queria dizer uma coisa para vocês. Cada um de nós adquire respeito pela importância do nosso país, pela importância das nossas atitudes e pelos compromissos que nós temos com a soberania do nosso país. A Argentina sempre será um país importante, como eu acho que os outros países menores sempre serão importantes.

Aconteceu... Eu não quero repetir, na minha cabeça, o que aconteceu entre Brasil e Argentina no começo da década de 90, quando o governo argentino e o governo brasileiro ficavam disputando quem era mais amigo de Bill Clinton ou não, quem ia a Camp David, quem ia não sei onde. A minha formação política não me permite esse tipo de comportamento.

Eu acho que o Obama teve... possivelmente, de todos os presidentes americanos, ele teve uma chance excepcional e eu até brinquei que ele tinha tomado o maior banho de América Latina que um presidente americano tomou. Com apenas 50 ou 60 dias de mandato, ele teve a oportunidade de, em um único dia, fazer reuniões separadas com a América Central, com o pessoal do Caribe e com toda a América do Sul, e depois participar de uma cúpula em que se criou um clima de guerra, e o clima era muito tenso na véspera. Eu disse para a companheira Cristina que o discurso dela na abertura foi um discurso extremamente importante, porque demarcou que nós estávamos querendo que o presidente Obama tivesse uma nova relação com a América Latina. Aquela



relação de respeito, aquela relação de parceria, aquela relação construtiva, e não uma relação de ingerência que durante quatro séculos existiu entre Estados Unidos e América Latina.

Eu penso que essa reunião com a Unasul, em que estavam todos os presidentes, todos sem discussão, com o companheiro Chávez, com o companheiro Evo, com o companheiro Rafael Correa, e que se tentou vender uma guerra na véspera das eleições, essa guerra não aconteceu. Todo mundo, do presidente Obama ao presidente Evo Morales, todo mundo quer construir uma outra relação, entre nós, em primeiro lugar, e entre os Estados Unidos e a América Latina.

E foi exatamente esse o discurso da Cristina e, depois, o discurso do presidente Obama. O presidente Obama várias vezes utilizou a palavra “parceria”: “Eu quero construir uma parceria com a América Latina. Eu quero construir uma parceria com o Caricom”. Porque ele sabe que não é justo, que não é correto restabelecer a relação de intromissão que em outros momentos existiu, entre a América Latina e os Estados Unidos.

Então, eu penso que foi uma coisa extraordinária. Acho que nenhum país, por menor que seja, tenha ele um milhão de habitantes ou tenha ele 200 milhões de habitantes, vai precisar de intermediário para uma pessoa gostar dele ou não. Eu acho que isso nós estabelecemos nesta Cúpula das Américas. E eu acho que vai ser bom, vai ser muito bom para a América do Sul e para a América Latina um novo padrão de relação com os Estados Unidos, de respeito mútuo, todos se tratando em igualdade de condições.

Presidente da Argentina: (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente da Argentina: (em espanhol)



Presidente: Uma coisa importante: primeiro, eu fico feliz que a Argentina esteja recuperando a sua indústria de aviação e, por conta disso, o governo argentino tem procurado manter uma parceria, não apenas para comprar aviões da Embraer, mas para que parte dos componentes de um avião possa ser produzido na Área Material Córdoba, que já teve experiência em produzir peças para avião.

O ideal, para nós – e certamente é mais fácil falar do que fazer – é que um dia, que não está muito longe, a gente compreenda que a nossa integração tem que ser uma integração muito mais produtiva, com muito menos desconfiança e com muito mais investimentos nos dois países, seja no Brasil, seja na Argentina. Isso está acontecendo. Se nós analisarmos a evolução desses últimos anos, vamos perceber que houve uma evolução extraordinária, mas ainda aquém. Como eu acho que a Argentina tem um potencial na indústria da aviação, eu acho que cada vez mais vai crescer a participação da Argentina nesse setor, e nós, obviamente, queremos que a Embraer seja uma espécie de indutor para que isso venha a acontecer na Argentina.

Em relação à questão ferroviária, nós temos o sonho de fazer a integração da América do Sul. Muitas vezes não temos todo o dinheiro que gostaríamos de ter, mas os projetos estão prontos para que a gente possa começar a fazer uma ligação, e que a gente tenha... mais do que a questão ferroviária, que a gente tenha uma integração energética. Se nós analisarmos o potencial energético entre os países da América do Sul, possivelmente nós tenhamos mais de 264 mil megawatts de energia para serem construídos. É só fazer as hidrelétricas e fazer linhas de transmissão para que se possa transportar de um país para o outro. Se nós imaginarmos o potencial de integração rodoviário e ferroviário, vamos perceber que nós tivemos períodos, há 50 anos, em que se fez mais do que se fez nos últimos 20 ou 30 anos. Houve um tempo em que se esqueceu da integração da América do Sul e um



país virou as costas para o outro.

Desde que eu comecei na Presidência da República, na primeira reunião com o presidente Kirchner, depois com Cristina e depois com os outros presidentes da América do Sul, eu acho que, pela primeira vez, a gente elegeu um conjunto de presidentes que prioriza a nossa relação, que acredita na nossa relação e que tem consciência de que a integração é o instrumento mais poderoso para que a gente se transforme em grandes economias que possam resolver definitivamente o problema da pobreza no nosso continente. Se nós perdemos um século, temos que recuperá-lo muito mais rápido, porque precisamos disso para negociar com os outros blocos.

Jornalista: Boa tarde. Primeiro, Presidente, gostaria de pedir para o senhor não esquecer de fazer o comentário sobre a questão do Supremo. Segundo, eu gostaria de perguntar: nos últimos dias a gente teve várias denúncias a respeito da vida pessoal do presidente do Paraguai, Fernando Lugo, a oposição já fala até em *impeachment* do Presidente. Como o Paraguai é um parceiro do Brasil e da Argentina no Mercosul, eu gostaria de saber se uma crise política lá é uma preocupação para vocês, com relação à integração do bloco e aos países vizinhos aqui da América do Sul.

Presidente: Olhe, sabe que é muito difícil para um presidente ou para uma presidenta ficar falando da vida de um outro presidente. Eu não vejo nenhum problema institucional ou nenhum problema político mais grave. Teve a notícia do primeiro filho, o Lugo assumiu, se tiver mais filhos o Lugo vai explicar. Mas eu não vejo nisso razão para se criar um clima político negativo, ou seja, o Paraguai é muito maior do que isso. E o Paraguai, como o Brasil e a Argentina, precisa de paz para sobreviver. E o problema religioso o Lugo, certamente, explicará. Eu estarei recebendo o Lugo no dia 7, no Brasil, ele está vindo aqui



na próxima semana. E eu acho que isso é extremamente importante para a nossa relação.

Com relação ao Poder Judiciário... A Cristina nem deve estar sabendo, ontem houve uma troca de acusações verbais entre o presidente da Suprema Corte brasileira e um outro ministro da Suprema Corte. Eles se desentenderam e parece que trocaram palavras duras um com o outro. Mas longe de ver uma crise institucional porque dois homens divergiram e não se entenderam. Se fosse assim, não existia mais futebol, porque tem briga em campo de futebol todos os dias.

A única coisa que eu acho é que se esse tipo de briga, assistida por toda a sociedade brasileira, ajuda a sociedade e ajuda a democracia, muito bem. Eu creio que quando nós temos determinadas funções é importante que a gente diga tudo o que quiser nos autos do processo, e que a gente não fique dizendo pela imprensa. Mas isso é o pensamento de um leigo, não é o pensamento de um magistrado. E pelo que eu vi na imprensa hoje, já se acertaram, parece que está tudo bem. Ou seja, mais uma possível crise que não era crise, era apenas um desentendimento.

Presidente da Argentina: (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente: Posso falar. Posso falar porque eu fui informado disso aqui, o seguinte: há a elaboração de um projeto, que ainda está na fase de projeto de uma hidrelétrica chamada Baixo Iguaçu. Os companheiros da Argentina, da parte elétrica, pediram informações ao projeto brasileiro. Essas informações estão sendo passadas para a Argentina, porque a hidrelétrica fica a mais ou menos 20 quilômetros da Argentina, e obviamente, têm que ser levados em conta os impactos que isso pode criar na Argentina. Passamos as informações,



segundo me disse o ministro Lobão, e depois vamos esperar as discussões técnicas sobre isso.

Presidente da Argentina: (em espanhol)

Jornalista: (em espanhol)

Presidente da Argentina: (em espanhol)

(\$31FGJLMQ)